

Quem pode testemunhar a vida de uma presidenta? A construção de perfis biográficos sobre Dilma na revista *piauí*

Fabiano Ormaneze

Resumo:

Este trabalho analisa a construção discursiva de dois perfis sobre Dilma Rousseff, produzidos pela revista *piauí* e republicados na antologia “Vultos da República”. São textos construídos no período pré-eleitoral, em 2009, mas que, por circularem novamente em antologias, a partir de 2010, tornam-se documentos históricos sobre a cobertura jornalística e a representação de fatos e pessoas. Proponho uma relação entre narrativa e análise de discurso francesa, no sentido de identificar de que maneira testemunhos da personagem perfilada e dos outros, como fontes jornalísticas, constituem-se ferramentas ideológicas na construção de uma narrativa que cristaliza imagens sobre gênero e sobre a primeira mulher a ocupar a presidência do Brasil. Embora *piauí* tenha características estilísticas distintas do restante da imprensa, discursivamente as imagens e os testemunhos são semelhantes à mídia tradicional.

Palavras-chave: testemunho; *piauí*; gênero.

Who can witness the life of a woman president?

The construction of biographical profiles about Dilma in *piauí* magazine

Abstract:

This work analyzes the discursive construction of two profiles about Dilma Rousseff, produced by *piauí* magazine and republished in the anthology “Vultos da República”. They are texts written in the pre-election period, in 2009, but, because they circulate again in anthologies, in 2010, they become historical documents about journalistic coverage and the representation of facts and people. I propose a relationship between narrative and French discourse analysis to identify how the testimonies of the profiled character and others, as journalistic sources, constitute ideological tools in the construction of a narrative that crystallizes images about gender and about the first woman to hold Brazil’s presidency. Although *piauí* has different stylistic characteristics from the rest of the press, discursively, the images and testimonies are similar to traditional media.

Keywords: testimony; *piauí*; gender.

Recebido em: 29.11.22

Aprovado em: 20.07.23

Fabiano Ormaneze

Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela mesma universidade. Especialista em Jornalismo Literário pela ABJL, jornalista pela PUC-Campinas. Professor do Centro Universitário Padre Anchieta e do Mestrado do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LabJor), da Unicamp.

E-mail: ormaneze@yahoo.com.br

Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 20, n. 1, mar./jul. 2023 - ISSN 1984-6924

Itinerário de uma publicação sobre políticos brasileiros

Desde seu surgimento, em 2006, a revista *piauí* tornou-se um dos títulos nacionais mais notáveis como espaço para a publicação de perfis¹, gênero no qual uma série de políticos brasileiros teve textos a eles dedicados. Foi o caso de Fernando Henrique Cardoso, José Dirceu, José Serra, Michel Temer e Dilma Rousseff, entre outros. Esses perfis ocuparam editorias diversas, nomeadas como “Anais da República”, “Vultos da República” ou simplesmente “Poder”. Nesta pesquisa, realizamos um estudo de caso do projeto Seven Grams¹ a fim de investigar a aplicabilidade da noção de jornalismo de soluções. O projeto consiste em uma narrativa jornalística que se autodefine como baseada em soluções e em realidade aumentada e que tem como finalidade retratar a cadeia de suprimentos dos smartphones e o custo humano e ambiental envolvido nesse processo, tomando como ponto de partida a República Democrática do Congo. Para tanto, foi desenvolvido um aplicativo móvel (app) disponível nos sistemas Android e iOS por meio do qual qualquer pessoa que possua um dispositivo móvel com acesso à internet pode imergir na história narrada.

¹ Por perfil, adoto a definição de Maia (2020, p. 52): “Composição textual discursiva do sujeito a partir de determinadas angulações que traduzem as perspectivas adotadas na escolha do perfilado, na captação e na edição”.

Em 2010 e em 2016, foram selecionados alguns desses textos para compor antologias, publicadas em livros pela Cia. das Letras. O primeiro foi *Vultos da República*, que chegou às livrarias pouco tempo depois de a revista completar cinco anos. O segundo foi *Tempos Instáveis*, marcando as comemorações pela primeira década da publicação.

Ao longo de sua história, *piauí* dedicou a Dilma Rousseff, única mulher a ser eleita para a Presidência do Brasil, diversos textos e seções, entre elas algumas de caráter sarcástico. Especialmente sobre essas antologias citadas, dois textos sobre a ex-presidenta foram selecionados para o primeiro volume. Ambos escritos por Luiz Maklouf Carvalho, os perfis “As armas e os varões: a formação de Dilma Rousseff” e “Mares nunca dantes navegados: Dilma Rousseff da prisão ao poder” foram escritos no período pré-campanha eleitoral de 2010. Em *Tempos Instáveis*, não há textos em que ela figure como protagonista.

No momento em que os perfis foram originalmente publicados, respectivamente em abril e julho de 2009, Dilma era considerada a escolhida para disputar as eleições, dando continuidade a dois governos de Lula. Figurava também como a primeira colocada nas pesquisas de intenção de voto.

Neste artigo, parte de estudo maior sobre sentidos produzidos e em circulação por meio de narrativas biográficas em *piauí*, o objetivo é discutir, relacionando narrativa e discurso, como os testemunhos sobre Dilma constroem uma representação a partir da relação com imagens cristalizadas de gênero. Tradicionalmente, *piauí* aparece associada como lugar diferenciado na produção jornalística. A partir do corpo teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD), a pergunta em que me baseio é: em se tratando de gênero, nos perfis sobre Dilma, a revista também se posiciona de outro modo?

Gestos antológicos: do efêmero ao perene

Para além do caráter jornalístico, que seleciona, por meio de critérios editoriais, ideológicos e técnicos, personagens da política nacional para receberem representações na forma de um sujeito de palavra² (ORMANEZE, 2019), o lançamento de uma antologia concede a esses perfis nova significação, uma vez que a republicação em formato de livro confere perenidade a textos originalmente efêmeros, característica da forma de consumo de uma publicação periódica como uma revista. Se não forem compilados em publicações especiais, como antologias, esses textos raramente são consultados posteriormente.

² Essa noção aciona, ao mesmo tempo, a construção textual do sujeito biografado e a credibilidade/ autoridade atribuídas ao biógrafo, responsável pelos enunciados.

De acordo com Serrani (2008), na literatura, a reunião de poemas, contos ou outros gêneros discursivos em formato de antologia “contribui diretamente para formar e transformar cânones, confirmar reputações literárias e estabelecer ou interferir em práticas letradas de gerações de leitores” (SERRANI, 2008, p. 278). No caso de uma compilação de textos que fazem memória de uma época e de uma trajetória de publicações sobre política, tem-se uma tentativa de institucionalizar visões sobre ser “político” e sobre a narrativa biográfica, já que a revista *piauí* é valorada como um exemplo notável de produção jornalística nessas primeiras décadas do século XXI. A partir de um processo de rememoração e de silenciamento, *piauí*, por meio de suas duas antologias (co)memorativas, instaura-se um ritual de dizer o que é ser político(a) e o que é falar sobre político(a) por meio de um perfil jornalístico.

Conforme Benetti (2007), o jornalismo é um dos “eixos norteadores e parâmetros sociais da normalidade e anormalidade [...], acabando por indicar o que seria socialmente desejável, normal ou adequado” (p. 110). No caso de *piauí*, o caráter didático e valorativo das antologias materializa-se ao observar que dezenas de professores em cursos de Jornalismo pelo país utilizam esses textos como exemplos de prática profissional e estilo.

A rememoração e, conseqüentemente, a ressignificação, constitui também uma forma de silenciamento, uma vez que o processo de seleção de quais textos devem compor uma antologia, necessariamente, leva ao apagamento de outros. É uma das formas do que Orlandi (2007, p. 73) chamou de uma “política do silêncio”, ou seja, “o fato de que, ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada”. Assim, o silenciamento é constitutivo do dizer jornalístico, produzindo novos sentidos a cada enunciado: na entrevista, na elaboração dos textos, na edição, na seleção dos elementos de destaque (títulos, linhas-finas etc.) e, no caso aqui abordado, na escolha para compor a antologia.

Genericamente, esses processos são explicados por razões técnicas, éticas ou estéticas. No entanto, por serem regularidades, há uma naturalização, como se fossem a única forma de dizer ou significar. Na verdade, são processos ideológicos, que estão na base de todo discurso. Conforme Pêcheux (2009), a ideologia, compreendida como o lugar e o meio para a realização da dominação de uma classe sobre a outra, faz com que os sujeitos recebam como “evidente o sentido do que ouvem e dizem, leem ou escrevem (do que eles querem e do que se quer lhes dizer)” (PÊCHEUX, 2009, p. 144).

Compreender o efeito de sentido é, então, partir do pressuposto de que ele não está alocado em lugar algum. “É preciso visualizar a estrutura do texto, compreendendo que essa estrutura vem de fora: o texto é decorrência de um movimento de forças que lhe é exterior e anterior” (BENETTI, 2007, p. 111). Costumeiramente, ouve-se, sobretudo de iniciantes no processo de análise discursiva, que haveria um sentido “por trás” do que se diz/escreve. Contudo, o sentido não está em um lugar, mas é construído pela relação com a historicidade e a memória. “As formulações discursivas são as projeções, na linguagem, das formações ideológicas” (ORLANDI, 2009, p. 17).

Essas formações ideológicas, por sua vez, só existem porque estão associadas de modo intrínseco ao interdiscurso, ou seja, “aquilo que fala antes, em outro lugar e independentemente, sob a dominação do complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 2009, p. 149). Todo o conjunto de já-ditos constitui o interdiscurso, pelo qual há, entre os dizeres constituintes, relações desiguais, com dominância de uns sobre outros. Ainda de acordo com Pêcheux (2009), um dos funcionamentos do interdiscurso é o pré-construído, que está na base do dizível, como um recorte do imaginário, remetendo a uma construção discursiva anterior.

Para a análise a que se propõe este trabalho, atuam no processo de consti-

tuição do interdiscurso não só o dizer sobre o que se espera de uma antologia e uma produção rememorativa, mas também o pré-construído sobre ser mulher e ser presidente, que se associam, portanto, à já citada tentativa de institucionalizar, pela narrativa, visões de “político”. Diante disso, faz-se necessário contextualizar as representações de Dilma na imprensa, porque elas também passam a fazer parte do interdiscurso e permitem verificar se a produção discursiva de *piauí* encontra-se ancorada nessas ou em outras e distintas imagens.

Representações de Dilma na imprensa: uma breve contextualização

O jornalismo, pela credibilidade de um discurso historicamente construído como verdadeiro, reafirmado como testemunho e colocado em circulação com efeitos de objetividade e imparcialidade, têm atuação direta nas três instâncias da produção de discurso pela sociedade, ou seja, na constituição, na formulação e na circulação dos dizeres. Ao mesmo tempo que são fruto de um processo histórico de acesso e de emergência do interdiscurso, os enunciados jornalísticos também se solidificam e se estabilizam, sobretudo devido ao largo acesso que se tem a eles e à tradicional credibilidade e pressuposição de verdade.

Dito de outra maneira, o jornalismo “age sobre o momento e fabrica coletivamente uma representação social que, mesmo distante da realidade, perdura apesar de desmentidos ou retificações posteriores, porque tal interpretação faz senão reforçar as interpretações espontâneas” (CHAMPAGNE, 1997, p. 65). Na mesma direção, Mariani (1998, p. 63) considera o discurso jornalístico como “uma modalidade do discurso *sobre*” (grifo da autora), ou seja, aquele que atua “na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória” (MARIANI, 1998, p. 63). Colocando o mundo, os fatos ou as pessoas (sejam as fontes testemunhais de uma reportagem ou o protagonista de um perfil) como objeto do enunciado jornalístico, “o cotidiano e a história, apresentados de modo fragmentado nas diversas seções de um jornal, ganham sentido ao serem ‘conectados’ interdiscursivamente a um já-lá dos assuntos em pauta” (MARIANI, 1998, p. 64).

No caso da escrita de narrativas biográficas, o protagonista é esse “objeto” de que fala a autora. Na narrativa, a rememoração de fatos do passado – que se constitui pelo efeito de fecho, de completude e de relato que retrataria fielmente uma vida, seus espaços e suas características – é colocada como uma evidência, sendo reforçada pelos jogos estilísticos da descrição e da reconstrução de cenas.

Como lembra Dela-Silva (2017), as imagens projetadas pela mídia, em razão de sua circulação e insistência em determinadas formulações, não produzem apenas imagens que concorrem com as outras, mas “produz representações, efeitos de cristalização de sentido” (p. 189), que vão dizendo ao sujeito o que é ser sujeito na atualidade.

Dizer “o que é ser” liga-se às narrativas biográficas à medida que a relação de confiança e intimidade entre o jornalista-autor, o interlocutor e o sujeito retratado se dá pelo efeito de humanização, pelo que é evidenciado e pelo que é apagado (ORMANEZE, 2018). Além disso, o jornalismo busca destacar a novidade, o relevante de uma vida, fazendo também com que o sujeito de palavra esteja sempre em movimento: mesmo ao ser igual, no sentido de ter as mesmas coisas a dizer, é preciso reforçar sua diferença para ter lugar nas páginas de um periódico.

Quando o assunto são os políticos brasileiros, diversos estudos focalizam como candidatos ou indivíduos em cargos públicos são representados pela grande imprensa, permitindo identificar vestígios do que seria enunciável nesses veículos. Assim, autores como Renault da Silva (2006) empenharam-se em demonstrar de que forma os periódicos hegemônicos construíram uma imagem de políticos como Fernando Henrique Cardoso, sempre associado à representação de sujeito

“talhado para o cargo” (p. 342), enquanto Luiz Inácio Lula da Silva, ligado ao sindicalismo e ao passado de metalúrgico, tinha sua representação atrelada ao radicalismo, à falta de formação e à incompatibilidade para o cargo de presidente.

Da mesma forma, Barbara e Gomes (2010) mostram como a imagem de Dilma foi construída pela grande imprensa a partir da representação de uma mulher que chega ao poder conduzida por um homem, retomando supostos limites historicamente colocados como evidentes e naturalizados para os gêneros.

Rechetnicou e Vieira (2017), por sua vez, refletem como as abordagens e a memória sobre relações de gênero ecoaram na imprensa durante o processo que tirou Dilma da presidência em 2016. As autoras concluem que as narrativas “não se baseiam apenas em interesses partidários, mas também em tensões e conflitos de gênero que tendem a legitimar representações femininas negativas e depreciativas” (p. 48), utilizadas de forma potente na defesa dos posicionamentos político-ideológicos que levaram ao *impeachment*.

Em busca de explicações sobre o papel do gênero na determinação da narrativa, Veiga da Silva (2021) enfatiza que não é possível apartar o jornalismo da sociedade do qual ele é parte. “O jornalismo, entendido como forma de conhecimento social, é uma das teias onde o híbrido poder-saber opera” (VEIGA DA SILVA, 2021, p. 271). Como reflexo das construções e contradições histórico-ideológicas, e pelo fato de que, historicamente, a lógica das redações é masculina, não é de se estranhar que o jornalismo reproduza, em suas narrativas, imagens e discursos ouvidos pelas ruas e pelos diversos cantos (ainda hoje) sobre o que significaria, sob a ótica patriarcal, uma mulher na presidência da República.

“A” Dilma de *piauí* pelos perfis publicados em “Vultos da República”

Esta análise centra-se nos enunciados utilizados como títulos e como texto dos perfis sobre Dilma Rousseff selecionados para a antologia “Vultos da República”. Tomar esses dois tipos de recortes faz-se necessário pelo modo como eles são produzidos nas redações e também pela relação de complementariedade entre eles. Na tradição das empresas jornalísticas, os títulos são elaborados pelos editores, a partir dos textos dos repórteres/redatores. Servem, assim, para o leitor, como um indicativo do que é essencial na narrativa, tendo, portanto, o papel de chamar a atenção para um gesto de leitura.

Especialmente sobre os títulos dos perfis sobre Dilma republicados na citada antologia, uma análise mais detalhada foi feita em outro trabalho (ORMANEZE, 2018), motivo pelo qual faço apenas breves considerações, sobretudo naquilo que mais se intersecciona com o observado na análise dos textos republicados.

Os títulos são: “As armas e os varões: a formação de Dilma Rousseff” e “Mares nunca dantes navegados: Dilma Rousseff da prisão ao poder”. Em ambos os casos, esses enunciados estabelecem uma relação interdiscursiva com o poema épico *Os Lusíadas*, de Camões, particularmente com trecho do *Canto I*. Apesar de não ser feita qualquer citação a isso, é neste trecho que eles foram inspirados: “**As armas e os barões assinalados/ que da Ocidental praia lusitana/ Por mares nunca dantes navegados/ Passaram ainda além da Taprobana/ Em perigos e guerras esforçados**” (CAMÕES [1572] 2002, p. 32, grifos nossos).

A revista, ao enunciar nesses termos a presença de Dilma na antologia, promove um deslocamento a partir da proximidade sonora entre as palavras “varões” e “barões”, embora entre as duas permaneça a referência ao masculino e, pela forma como os termos são usados em paralelo, à força. Na narrativa biográfica sobre Dilma, praticamente, apenas homens são entrevistados, e o texto se organiza para mostrá-los como parte fundamental da trajetória da ex-presidenta.

Além disso, quem escreve sobre ela é também “um” jornalista (Luiz Maklouf Carvalho). Os homens que falam sobre Dilma não são, no entanto, “barões”, por-

que, na maior parte dos casos, não faziam parte dos poderes constituídos, hegemônicos. São, por outro lado, representados como fortes, ligados à luta armada no período da Ditadura (1964-1985).

Já sobre “mares nunca dantes navegados”, colocado em contiguidade “com as armas e os varões”, há um deslizamento de sentido possível entre o fato de que Dilma era a primeira mulher a ter chances, à época da publicação na revista, de assumir a Presidência da República, mas também de que se trataria do primeiro cargo público eletivo a ser ocupado por ela (“nunca dantes”). Da memória sobre Dilma, fazem-se presentes algumas das críticas que opositores lhe dirigiam no período que antecedeu as eleições de 2010: mulher, tida como projeto político de homens (entre eles, Lula); e mulher sem experiência em cargos executivos ou mesmo legislativos.

Qualquer representação passa, necessariamente, pela história e pelos sentidos que compõem o interdiscurso, que “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2009, p. 31). Pelo interdiscurso, o já-dito irrompe o dizer atual, constitui-o, faz produzir vultos e voltas, colocados em circulação, num processo que se autoalimenta e atualiza o imaginário e as representações.

A existência de um já-dito, que sustenta a possibilidade de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso. Como diz Orlandi (2007, p. 34), “as palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua”. Essa relação entre o dizer de agora e o já-dito explica a relação entre o intradiscurso e o interdiscurso, entre constituição e formulação. Courtine (2014) explicita essa diferença considerando a constituição (o interdiscurso), como um eixo vertical, onde estão todos os dizeres já ditos e esquecidos em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível.

No eixo horizontal – o intradiscurso –, está a formulação, isto é, aquilo que se enuncia em dadas condições. Imbricada indissociavelmente à constituição e à formulação, está uma terceira instância, a circulação (ORLANDI, 2008), pela qual os discursos passam a produzir efeitos na sociedade e, pela repetição dos enunciados e das representações ali construídas, tornam-se parte dos sedimentos do interdiscurso. A circulação não é, entretanto, apenas o meio pelo qual algo chega até os interlocutores, mas também o quanto esse meio significa o que está sendo enunciado. Assim, ser um sujeito de palavra na revista *piauí*, por exemplo, circula diferente do que sê-lo numa antologia ou num livro dedicado à história de vida de apenas um indivíduo, da mesma forma que seria diferente circular no formato de boato, numa revista de fofocas ou num panfleto entregue nas ruas.

Nesse primeiro perfil, aparecem citados testemunhos de 12 homens. Sobre a vida pessoal de Dilma (infância, juventude e vida amorosa), as informações vêm do irmão, Igor Rousseff, e dos dois ex-maridos, Cláudio Galeno Linhares e Carlos Araújo. Já para testemunhar sobre a Ditadura e a militância política, há testemunhos de José Aníbal, Apolo Heringer, Jorge Nahas, Gilberto Vasconcelos, Fernando Mesquista, Juarez Brito, Antônio Roberto Espinosa, José Olavo Leite Ribeiro e Natael Custódio Barbosa. São ouvidas cinco mulheres: três delas estiveram com Dilma na prisão – as irmãs Maria Luiza e Leslie Belloque, além de Vânia Abrantes. Há ainda Maria José de Carvalho e Maria do Carmo Brito, companheiras da luta antiditatorial.

Uma regularidade é perceptível na forma como as mulheres são apresentadas. Da mesma maneira que se recorre a homens para incluir Dilma em sua própria história, com exceção de Maria Luiz e Leslie, as demais são sempre qualificadas a partir do casamento, colocando um personagem masculino como protagonista: “Maria José de Carvalho, a Zezé, **então casada com Jorge Nahas**” (p. 124, grifo nosso); “Juarez Brito **e sua mulher**, Maria do Carmo” (p. 128, grifo nosso), “Antes de conhecer Dilma, **Carlos Araújo vivia com a geógrafa Vânia Abrantes**”

(p. 129, grifo nosso) e “Vânia Abrantes, **a ex-mulher de Carlos Araújo**” (p. 136, grifo nosso).

Percebe-se aí uma coerência discursiva entre nomear os perfis a partir de menções a homens (“os varões”). Assim, esse primeiro perfil é praticamente centrado no passado, apresentado, inclusive, de maneira bastante cronológica. Apenas ao final do texto aparece uma referência ao presente. Mas a cena narrada para apresentar tal informação não fala de Dilma, mas, sim, do ex-marido:

Carlos Araújo mora hoje sozinho, com os vira-latas Amarelo e Negrão, numa casa às margens do rio Guaíba, em Porto Alegre. A diarista Eliete cuida das tarefas domésticas. No meio da tarde, Araújo a dispensou. “Não precisa deixar nada para o jantar”, disse. Vestia bermuda azul-marinho, camisa polo branca e chinelos. Com 71 anos, e apesar de um enfisema do qual não cuida com a atenção devida – e que ultimamente o tem levado ao hospital –, tem energia de sobra. “Sou uma pessoa muito feliz”, disse. “Vivo do meu trabalho, não dependendo de ninguém, tive a sorte de ter filhos que não vivem me incomodando e não tenho muitos amigos.” Está na varanda, com duas televisões enormes, uma ao lado da outra – onde assiste simultaneamente, pela TV a cabo, a jogos de futebol. É um ambiente aberto, de onde se vê, numa ilha, o presídio, há muito desativado, em que cumpriu parte da pena. “É ali”, apontou. “Quantas vezes a Dilma foi lá me visitar?” (CARVALHO, 2010, p. 137)

Esse trecho materializa algumas regularidades verificáveis ao longo do texto, que cristalizam a representação de Dilma, sempre com a irrupção de uma relação entre o pré-construído de homem e de mulher. Uma das falas do personagem reforça a ideia do homem forte emocionalmente e que se mantém, sendo provedor, senão de outros ou de uma família, de si próprio: “Vivo do meu trabalho, não dependendo de ninguém, tive a sorte de ter filhos que não vivem me incomodando e não tenho muitos amigos” (CARVALHO, 2010, p. 137). Mas ele é também o homem que precisa de alguém para as tarefas domésticas, que cuida pouco da saúde e era visitado pela mulher quando estava preso. Essas imagens, mais do que representações, constituem-se como estereótipo do homem brasileiro.

O primeiro texto é construído entre recorrências ao passado, testemunhos e construções de gênero, a partir de um apagamento da ação da ex-presidenta como ministra, por exemplo, função que ela desempenhou ao longo do primeiro governo de Lula, entre 2002 e 2006, quando esteve à frente do Ministério das Minas e Energia. Também não há nenhum testemunho ou fonte citada no texto que fale sobre o assunto. Lula não figura entre os que foram entrevistados ou procurados para falar, embora seja citado várias vezes no texto. Assim, a política do silêncio vai também se fazendo presente: “se diz ‘x’ para não (deixar) dizer ‘y’, este sendo o sentido a se descartar do dito. É o não-dito necessariamente excluído. Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar” (ORLANDI, 2007, p. 73-74).

A primeira citação ao principal cargo ocupado por Dilma antes da presidência aparece apenas como uma oração adverbial temporal, para demarcar o momento de uma entrevista. O trecho oferece também mais indícios da determinação de gênero e os silenciamentos mobilizados pelo sujeito de palavra:

“Foi uma coisa muito bonita” – disse-me Dilma, em 2003, **quando era ministra das Minas e Energia**, numa entrevista publicada em parte pela *Folha de S. Paulo*. “O Carlos pediu a minha mão para o Juarez”, lembrou, emocionada. O casamento estava desgastado desde Belo Horizonte. Quatro militantes que conheceram bem Galeno e Dilma – Apolo Heringer, Fernando Pimentel, José Aníbal e Maria do Carmo Brito – acham que havia uma diferença intelectual entre os dois, com vantagem para Dilma. Galeno concordou: “Ela tinha uma tendência mais acentuada do que eu à atividade intelectual”. (CARVALHO, 2010, p. 129, grifo nosso)

Nesse recorte, a informação sobre o cargo de ministra aparece menos para qualificar a personagem e mais para dar credibilidade ao trabalho do jornalista,

demonstrando que a informação a ser dada na sequência tinha sido obtida por ele, em outro momento, mas, ainda assim, diretamente com a perfilada. Esse tipo de formulação, com citações a outras entrevistas, momentos e veículos, é uma das formas discursivas que o repórter, como sujeito de palavra, encontra para produzir, como efeito no leitor, sentidos de verdade e autoridade.

Essas constatações colocam-me algumas inquietações: seria um texto “sobre Dilma” ou “sobre homens que podem dizer algo sobre ela”? Mesmo para falar sobre o fim do primeiro casamento da perfilada recorre-se a outros homens, um deles, inclusive, numa posição política de adversário no momento da escrita (José Aníbal era do PSDB). A eles, compete contar as razões da separação (“havia uma diferença intelectual entre os dois”). Já a outro homem, no caso o ex-marido, atribui-se o direito de confirmá-las (“Galeno concordou”).

Por fim, no recorte das falas de Dilma a serem utilizadas, outra imagem que delimita espaços para homens e mulheres está no pedido de casamento que, em vez de ser exclusivamente dirigido a ela, teve a anuência de outro homem, no caso Juarez Brito, que fazia parte da direção de um grupo de resistência à Ditadura, o Comando de Libertação Nacional (Colina), e na casa de quem Dilma morava na ocasião.

A presença dos homens na história é também rememorada nas características dadas a Dilma, que se colocam como atributos, por meio do pré-construído, pouco femininos. No conflito entre carregar pré-construídos masculinos ou femininos, ao mesmo tempo em que Dilma é descrita como uma personagem que resiste à tortura, sendo “nada chorona”, “um tenente” (CARVALHO, 2010, p. 136), ela é também aquela que, após deixar o presídio, onde ficou presa após a Operação Bandeirante, muda-se para a cidade onde o marido estava preso, fazendo ecoar a imagem da mulher que acompanha, que está próxima:

Sua mãe, tias e irmãos a receberam depois de quase quatro anos de cadeia [...]. Depois, mudou-se para Porto Alegre, onde Carlos Araújo estava cumprindo seus últimos meses de quase quatro anos de pena. Ela o visitava sempre, muitas vezes com o pai do marido, o dr. Afrânio. Ajudava o marido nos trabalhos que ele fazia na cadeia, como a criação de uma biblioteca e de um curso supletivo, no qual Dilma deu aulas. (CARVALHO, 2010, p. 136-137)

Esse trecho é mais um dos excertos em que fica visível a centralidade da narrativa noutro personagem, no caso Carlos Araújo, e não em Dilma. Ela “o visitava”, “ajudava”, “mudou-se” para a cidade onde ele estava.

Como efeito da ideologia, que imputa unidade à narrativa a partir dessa centralidade masculina, quando Dilma não é materializada pela figura do marido, é reverberada na imagem paterna. A narrativa do primeiro perfil começa com a descrição do pai de Dilma, construída a partir da imagem de homem provedor, o que se materializa já na primeira frase do texto, quando Pétar Russév é apresentado colocando o pão à mesa. Somente a partir da narração da morte do pai o perfil começa a destacar Dilma como protagonista: “Pedro Rousseff [Pétar Russév] morreu em setembro de 1962. Era brasileiro naturalizado e planejava para breve uma visita à Bulgária. Igor tinha quinze anos e Dilma, um a menos” (CARVALHO, 2010, p. 121).

Apesar de, a essa altura, o relato em análise já ter mais de duas páginas, sempre centradas no pai, é a primeira vez que Dilma aparece como um sujeito gramatical numa oração. Na sequência, há um trecho sobre a vida escolar e a formação política da protagonista, nos anos que antecederam o golpe de 1964. Trata-se de um único parágrafo, construído num hiato entre as referências ao pai da ex-presidenta e ao primeiro marido dela, Cláudio Galeno Linhares, que aparece focalizado já no parágrafo seguinte.

Da passagem do pai para o marido, no entanto, a representação do homem

e a determinação de gênero fazem-se também por uma regularidade linguística: a presença do verbo “encantar-se” em dois trechos:

³ Mãe de Dilma Rousseff.

a. “Numa viagem a Uberaba, [Pétar Russév] se encantou com a professora Dilma Jane Silva³”. (p. 119, grifo nosso)

b. Ela [Dilma] conheceu nessa época Cláudio Galeno Linhares, de 24 anos. “Fiquei encantado com a beleza, a personalidade e a inteligência de Dilma”, disse-me ele no restaurante de um hotel em Belo Horizonte. (p. 122, grifo nosso)

A repetição desse verbo, enunciado tanto na narração do repórter quanto na fala recortada do entrevistado, no caso, o ex-marido, produz uma unidade que vai além do estilo, demonstrando a cristalização de um papel masculino representado na narrativa. Novamente, são os homens que podem “se encantar” (em gerações diferentes, inclusive) e, como em outros trechos, falarem não só da vida pública da perfilada, mas silenciar a vida privada. São eles que dizem como se sentiram atraídos, por que se casaram e quais características destacam na mulher.

O segundo perfil sobre Dilma reproduz algumas informações e imagens que estiveram nesse primeiro texto. Se cada um dos perfis tem objetivos distintos (o primeiro mais histórico, o segundo mais focado no presente), aquilo que é textualizado duplamente é o indicativo mais evidente do sentido e do imaginário sobre a perfilada, aquilo que não se pode deixar de dizer. Aquilo que é igualmente silenciado também se desvela como o inapropriado, o inadequado no contexto das formulações ideológicas do sujeito de palavra.

Misturando narrativa e *making-off* da reportagem, o texto informa que “em quatro meses de apuração [...], foram entrevistadas 70 pessoas”. Dessas, 27 têm testemunhos citados nesse segundo perfil. Algumas delas, diretamente ligadas ao período entre 1970 e 2000, como Carlos Araújo e Antônio Roberto Espinosa, já haviam aparecido no texto anterior. Na maior parte, as fontes desse segundo perfil eram políticos atuantes em 2010, além de assessores e profissionais que trabalharam com Dilma, seja na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, na Secretaria de Energia no mesmo estado ou no Ministério de Minas e Energia.

Há também algumas fontes, como é o caso de Maurício Tomalsquim (então presidente da Empresa de Pesquisa Energética), José Luiz Alquéres (à época, presidente da Light, de geração e distribuição de energia elétrica no Rio de Janeiro) e Adriano Pires (ex-diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura), cujos testemunhos falam pouco sobre a vida de Dilma. No lugar, eles ocupam o papel de analistas da atuação dela como ministra. Do ponto de vista narrativo, nesse trecho, o texto do perfil perde a maior parte de suas características literárias e torna-se um compêndio de falas, na maior parte positivas, sobre a atuação profissional da perfilada.

Dos ouvidos para esse segundo perfil, cinco são mulheres. Proporcionalmente, esse número é bastante pequeno, uma vez que, no período a que se dedica o texto, a participação feminina na política já era bem maior do que nas décadas anteriores, abordadas no primeiro perfil. Dessa vez, são ouvidas Vera Stringuini (amiga de Dilma, companheira da luta na Ditadura), Maria Regina Barnasque (advogada, com quem Dilma trabalhara na Assembleia gaúcha), Cláudia Hofmeister (engenheira, colega na Secretaria de Energia do Rio Grande do Sul), Miriam Belchior (qualificada apenas como “do PT paulista” (p. 160), e Maria do Rosário (então deputada, que, de acordo com o texto, procurara Dilma em 2008 em busca de apoio político).

As participações de Vera e Maria do Rosário funcionam como materialização de pré-construídos sobre mulher: a primeira é lembrada como sendo aquela “para quem Dilma ligou pedindo o telefone do cirurgião plástico Renato Vieira” (p. 145). Já a segunda lembra que Dilma esquecera, numa visita, um “batom ver-

melho-acobreado no estúdio de gravação [...]”. “A assessoria dela deixou a minha equipe maluca. Ela queria porque queria o batom” (p. 165). Assim, ao longo deste texto, vai se construindo um movimento que opõe sentidos entre “ser durona” e, portanto, tendo características típicas do sujeito político, e “ser mulher”.

Regularidades aparecem logo nos primeiros parágrafos e dizem respeito aos episódios de tortura, às sequelas e ao fato de Dilma ter se mudado para Porto Alegre (RS) para ficar mais próxima do marido, preso pelos militares. A imagem pré-construída e estereotipada de mulher carinhosa, companheira, é retomada pela reprodução de outra fala de Carlos Araújo, quando o texto trata da mudança de Belo Horizonte (MG) para a capital gaúcha:

Ela trocou o uai pelo tchê para estar próxima de Araújo, a quem chama carinhosamente de “Gordo”. Os meses que passaram no Presídio Tiradentes – com alguns encontros íntimos e muitas trocas secretas de bilhetes – apontavam um futuro para o romance. [...] Dilma visitou Araújo na ilha. [...]. Araújo recordou: “Ela levava comida, cigarro, muitos jornais. Falávamos sobre a nossa vida afetiva, do filho que queríamos ter e do nosso futuro político, sobre como e onde retomar a militância. Não tinha visita íntima não, mas a gente sempre dava um jeitinho.” (CARVALHO, 2010, p. 141)

Apesar dos “mares nunca dantes navegados” por onde Dilma vai se embrenhar, “seja em Campinas, onde ingressou no mestrado em Economia, seja Porto Alegre, onde foi diretora-geral da Câmara Municipal” (p. 149), ou em Brasília, onde foi ministra de Minas e Energia e, depois, chefe da Casa Civil, as passagens de Dilma por esses espaços continuam narradas por homens.

Todas as falas da ex-presidenta reproduzidas foram retiradas de entrevistas anteriores, ao próprio repórter ou a outros jornalistas. Há um trecho no texto, no entanto, em que paira uma dúvida. Trata-se, justamente, de uma menção a um relacionamento amoroso de Dilma. Ao tratar das reuniões para elaborar a plataforma da área de energia para a companhia presidencial de 2001, enuncia-se que “algumas vezes Dilma levou, como convidado, o engenheiro Luiz Oscar Becker, seu subordinado na secretaria gaúcha. Já separada de Araújo, Dilma e Becker eram namorados. (A ministra **não quis comentar** sua ligação com Becker)” (p. 153, grifo nosso). A fonte da informação sobre o relacionamento não foi citada.

Nesse perfil, há ainda diversos trechos discursivamente caracterizados por um movimento de sentidos entre mostrar Dilma-mulher e Dilma-candidata/política. É justamente para falar sobre a Dilma-mulher (e não a política/candidata) que aparece no texto uma possível menção ao fato de que ela teria sido procurada para os perfis, embora não fique claro se teria sido contatada naquele momento ou se não quisera comentar o relacionamento em outras entrevistas ou momentos. Esse enunciado também aparece modalizado ao ser escrito entre parênteses, como uma informação que, assim, ao mesmo tempo, faz e não faz parte do perfil.

O recorte a seguir é representativo dessa dicotomia entre “mulher” e “política”:

Os nomes de que Lula dispunha para jogar no tabuleiro sucessório cabiam nos dedos da sua mão. Todos eram ministros e do PT: Marta Suplicy, do Turismo, Tarso Genro, da Justiça, Fernando Haddad, da Educação, e Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social. Cada qual tinha sua cota de virtudes e problemas. Marta é mulher e é conhecida nacionalmente, mas foi derrotada por José Serra no governo de São Paulo. Tarso foi responsável pela implantação de um dos programas vitoriosos do governo, o ProUni, [...]. Mas está à esquerda de Lula e lidera uma das tendências do PT. Haddad é jovem, operoso e não tem imagem de político, mas nunca disputou eleição, não tem trânsito junto ao empresariado nem proximidade com o presidente, além de não dispor de apoio na base principal do PT, São Paulo. Patrus Ananias é sério, mas seu trabalho no governo não deslanchou e é desconhecido fora de Minas Gerais. Lula surpreendeu todos não apenas por ter escolhido Dilma, e sim porque se adiantou a todas as articulações e botou a sucessão na rua, impedindo que os pré-candidatos organizassem suas forças.

(CARVALHO, 2010, p. 163, grifos nossos)

Apesar de citar duas mulheres, apenas uma delas tem o gênero destacado como característica. Sobre a primeira, redonda a informação de que "é mulher" ("Marta é mulher"); sobre Dilma, não. Em contiguidade aos outros recortes, é possível observar o duplo movimento: 1) falar da Dilma-mulher, mas colocando-a em casa, acompanhando o marido, sendo formada por homens e tendo a vida decidida por eles; 2) falar de Dilma-possível-presidente, candidata/mulher na política, mas sempre associada a uma escolha de homens.

Considerações Finais

Como exposto na primeira parte deste texto, a revista *piauí* coloca-se e é colocada como o discurso do diferente em relação ao restante da imprensa. Assim, autopromove-se em outros modos de circulação, não só pelos aspectos como empresa jornalística, mas, sobretudo, do ponto de vista discursivo, como uma publicação periódica que se projeta por fazer pensar, dirigindo-se a um leitor com alta capacidade de reflexão. Além disso, ela é sempre lembrada como um espaço de liberdade estilística e de abordagens distintas do restante da grande imprensa.

Entretanto, a análise promovida neste e em outros trabalhos (ORMANEZE, 2019) mostra que, em termos de constituição do discurso, há pouca diferenciação em relação às imagens tradicionais colocadas em circulação pela grande imprensa brasileira. Dito de outro modo, as determinações de gênero notadas aqui na construção da imagem de Dilma são similares às perceptíveis em diversos outros veículos, como indicado pela revisão bibliográfica brevemente relatada neste artigo. Dessa forma, em *piauí*, a despeito das distinções narrativas, a perspectiva discursiva sobre gênero nos perfis sobre Dilma repete abordagens semelhantes a outros veículos. Os testemunhos, nesse caso, são recortados, como é próprio do jornalismo, reforçando posições consolidadas sobre gênero no sujeito de palavra colocado em circulação pela narrativa.

Assim, há em *piauí*, considerando as instâncias de produção do discurso, uma nova formulação (mais literária, mais descritiva, mais narrativa) e uma nova circulação (o público a que se dirige, as características do leitor projetado etc.), mas são mantidos pontos fundamentais da constituição presente na imprensa em geral, que delimitam o que pôde ser dito e quem pôde dizer/testemunhar sobre Dilma.

Por fim, resta dizer que os resultados desta análise não visam a indicar "problemas" de cobertura. Trata-se, mais uma vez, de demonstrar o quanto o sujeito se constitui pela linguagem e pela ideologia, que, intrépida e inveterada, escapa às tentativas de determinação e da total consciência.

Referências

BENETTI, Marcia. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. *In*: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 107-122.

CARVALHO, Luiz Maklouf. As armas e os varões: a formação de Dilma Rousseff. *In*: WERNECK, Humberto (Org.). **Vultos da República**: os melhores perfis políticos da revista *piauí*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010, p. 119-137.

CARVALHO, Luiz Maklouf. Mares nunca dantes navegados: Dilma Rouseff da prisão ao poder. *In*: WERNECK, Humberto (Org.). **Vultos da República**: os melhores perfis políticos da revista *piauí*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010, p. 139-166.

BARBARA, Leila; GOMES, Maria Carmen A. A representação de Dilma Rousseff pela mídia impressa brasileira: analisando os processos verbais. *Letras*, v. 20, n. 40, jan./jun. 2010, p. 67-92. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12026/7438>. Acesso em: 12 ago. 2022.

CHAMPAGNE, Patrick. A visão mediática. In: BOURDIEU, Pierre (org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2. ed., 1997, p. 63-79.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

DELA-SILVA, Silmara. Os 45 anos de ‘Veja’, o discurso jornalístico, o (im)perceptível. In: MARIANI, Bethania; MOREIRA, Carla Barbosa; DIAS, Juciele Pereira; BECK, Maurício (Orgs.). **Indizível, imperceptível e ininteligível**: o sujeito contemporâneo e seus arquivos. Niterói: Eduff, 2017, p. 189-202.

MAIA, Marta. **Perfis no jornalismo**: narrativas em composição. Florianópolis: Editora Insular, 2020.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan, 1998.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto** – formulação e circulação dos sentidos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2008.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso** – princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORMANEZE, Fabiano. Do passado ao presente pelo fio da memória: por uma abordagem semântico-discursiva de perfis. In: MAIA, Marta; MARTINEZ, Monica (Orgs.). **Narrativas midiáticas contemporâneas**: perspectivas metodológicas. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2018, p. 75-95.

ORMANEZE, Fabiano. **O sujeito de palavra**: o discurso sobre política nas narrativas biográficas de piauí. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Linguística. Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/335700>. Acesso em: 6 jun. 2023.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à reafirmação do óbvio. 4 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

RECHETNICOU, Amanda Oliveira; VIEIRA, Viviane C. Gênero, Política e Mídia: uma análise da representação e identificação de Dilma Rousseff no ano de 2016. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero. **Anais...** Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499469605_ARQUIVO_Artigo_AmandaRechetnicou_VivianeVieira.pdf. Acesso em: 12 ago. 2021.

RENAULT DA SILVA, David. **Nunca foi tão fácil fazer cruz numa cédula**: a era FHC nas representações da mídia brasileira. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

SERRANI, Silvana. Antologia: escrita compilada, discurso e capital simbólico. *In: Alea*, V. 2, n. 2, jul-dez. 2008, p. 270-287.

VEIGA DA SILVA, Márcia. O jornalismo deve contribuir para a ruptura do sistema. Entrevista a Fabiana Moraes e Marta Maia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 18, n. 1, jan./jun. 2021, p. 271-284. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/82519/46851>. Acesso em: 15 ago. 2021.